

Universidade do Oeste de Santa Catarina



Orientações sobre
O jeito de cada um conviver



Organizadores
Regina Oneda Mello
Mara Regina Heberle

Editora Unoesc

Coordenação
Débora Diersmann Silva Pereira

Copidesque: Débora Diersmann Silva Pereira
Projeto gráfico e capa: Daniely Akemi Terao Guedes

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

U58o	<p>Universidade do Oeste de Santa Catarina. Orientações sobre O jeito de cada um conviver / Universidade do Oeste de Santa Catarina ; organizadores Regina Oneda Mello, Mara Regina Heberle. – Joaçaba, SC: Editora Unoesc, 2014.</p> <p>ISBN: 978-85-8422-011-3 Bibliografia: p. 41</p> <p>1. Educação inclusiva. 2. Didática do ensino superior - Deficientes. III. Educação especial. I. Mello, Regina Oneda. II. Heberle, Mara Regina. III. Título.</p> <p>CDD 378.12092</p>
------	--

Universidade do Oeste de Santa Catarina

Reitor

Aristides Cimadon

Vice-reitor Acadêmico

Nelson Santos Machado

Vice-reitores dos Campi

Unoesc São Miguel do Oeste

Vitor Carlos D' Agostini

Unoesc Videira

Antonio Carlos de Souza

Unoesc Xanxerê

Genesio Téio

Diretor Geral

Unoesc Chapecó

Ricardo Antonio De Marco

Diretor Executivo

Alciomar Antônio Marin



APRESENTAÇÃO.....	5
ALUNOS CEGOS.....	7
1.1 EM SALA DE AULA.....	9
1.2 MATERIAL DIDÁTICO.....	10
1.3 APRESENTAÇÃO DE FILMES, VÍDEOS.....	11
1.4 REALIZAÇÃO DE PROVAS.....	12
1.5 VIAGENS E VISITAS TÉCNICAS.....	14
ALUNOS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA.....	15
2.1 EM SALA DE AULA.....	17
2.2 COMO SE RELACIONAR COM AS PESSOAS AUXILIARES.....	18
2.3 APRESENTAÇÕES DE TRABALHOS.....	19
2.4 AULAS PRÁTICAS	19
2.5 VIAGENS E VISITAS TÉCNICAS.....	20
2.6 REALIZAÇÃO DE PROVAS.....	20
ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL.....	23
3.1 EM SALA DE AULA.....	25
3.2 APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS.....	25
3.3 PROVAS.....	25

ALUNOS SURDOS.....	27
4.1 EM SALA DE AULA.....	29
4.2 CUIDADOS.....	30
4.3 FILMES, VÍDEOS.....	30
4.4 COMO SE RELACIONAR COM O INTÉRPRETE.....	31
4.5 DICAS PARA A PREPARAÇÃO DAS AULAS.....	32
4.6 APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS E TRABALHO EM GRUPO.....	33
4.7 O ALUNO SURDO E A LÍNGUA PORTUGUESA ESCRITA.....	33
4.8 PARA COMPREENDER COMO O ALUNO SURDO ESCREVE.....	34
4.9 COMO AJUDAR.....	41
4.10 VIAGENS E VISITAS TÉCNICAS.....	42
4.11 REALIZAÇÃO DE PROVAS.....	42
REFERÊNCIAS.....	44



APRESENTAÇÃO

A educação universitária deve ser para todos e, por esta razão, a prática pedagógica cotidiana deve incluir recursos e estratégias que considerem e valorizem as especificidades, tornando as ações de ensinar e aprender processos de inclusão efetiva.

Este documento objetiva orientar os professores sobre alguns procedimentos metodológicos que auxiliam no desenvolvimento dos processos de ensino e de aprendizagem de alunos cegos, surdos, com deficiência física e deficiência intelectual, matriculados nos Cursos da Unoesc.

Registre-se que estas orientações foram elaboradas/adaptadas pela Assessoria Pedagógica, com base em outros documentos.



Procure relacionar-se com o aluno deficiente com naturalidade.

Pergunte sempre se o aluno quer ou precisa de ajuda.

Entenda a diversidade como oportunidade de enriquecimento pessoal e social.

Faça o Curso de Língua de Sinais – Libras, oferecido pela Unoesc.

Participe dos Cursos de Formação à Docência.

Alunos Cegos





1.1 EM SALA DE AULA

- Aproxime-se do aluno e apresente-se.
- Você será reconhecido e identificado pela sua voz e esta aproximação auxilia o aluno cego.
- Autorize o aluno cego a gravar as suas aulas.
- Sempre que escrever/desenhar alguma coisa no quadro, vá falando e explicando o que está fazendo. Com este procedimento, o aluno cego não se sentirá excluído.
- Pergunte, frequentemente, se o aluno quer ou se precisa de ajuda.
- Se o aluno tiver cão-guia, respeite. Não brinque e não toque o cão. Ele tem uma função a cumprir: orientar o aluno.
- Oriente os outros alunos para que tenham o mesmo procedimento.
- Verifique se o aluno tem um notebook com programas leitores de tela ou teclado em braile e como costuma proceder para anotar e realizar as atividades.
- Verifique com a Coordenação do Curso ou com a Assessoria Pedagógica quais são os recursos disponibilizados na Instituição para auxiliar o aluno cego no processo de aprendizagem.
- Verifique o acervo disponibilizado em braile e/ou audiobook e os programas leitores de tela que podem auxiliar o processo de aprendizagem do aluno cego, disponibilizados na Biblioteca.
- Disponibilize todo o material didático com antecedência. Este procedimen-

to vai facilitar o seu trabalho em sala de aula e auxiliar de forma significativa o processo de aprendizagem do aluno cego.

- Utilize textos, preferencialmente, digitados em Word.
- Cada vez que escrever no quadro, o jeito mais adequado é narrar a sua escrita no exato momento em que está escrevendo.
- Durante a explicação fale para que local do quadro está apontando. Por exemplo: “Analisando o tópico em que falamos sobre ... podemos comparar com ... que está aqui à direita.”
- O aluno cego precisa dessa orientação para construir mentalmente o que você está explicando.



1.2 MATERIAL DIDÁTICO

- Ao apresentar o Plano de Ensino aos alunos, peça ao aluno cego se ficou alguma dúvida.
- Indique e disponibilize os textos de apoio para as aulas, com antecedência.
- Indique e disponibilize filmes e vídeos, antecipadamente.
- Quando projetar *slides*, todas as imagens/figuras devem ser descritas para o aluno cego, a menos que você tenha cópias em braile.
- Na ausência de cópias em braile, cada *slide* deve ser lido e pontuado na íntegra.
- O aluno cego vai acompanhando tópico por tópico de cada *slide* e fica incluído na discussão.
- É importante disponibilizar antecipadamente todo o material para o aluno cego.

1.3 APRESENTAÇÃO DE FILMES, VÍDEOS

- Os filmes e vídeos dublados facilitam a compreensão do aluno cego.
- Caso o filme ou o vídeo não sejam dublados, deverão ser descritos/narrados.
- Para facilitar a compreensão do aluno cego, faça uma síntese oral antes de iniciar a projeção. Contextualize.
- Os colegas de turma podem ajudar no processo de audiodescrição do filme ou vídeo.
- Durante a projeção, faça uma narração sucinta do que está acontecendo, um contexto geral da obra, os pontos de maior interesse. Não há a necessidade de traduzir todas as falas.
- Faça esta audiodescrição em tom de voz baixo, de preferência posicionado no fundo da sala de aula, para não atrapalhar os alunos da turma.
- Todos os procedimentos devem ser combinados antecipadamente com o aluno cego.
- Se puder, disponibilize o filme ou vídeo para o aluno cego, antecipadamente.

1.4 REALIZAÇÃO DE PROVAS

- O aluno cego tem as mesmas ansiedades, angústias e dificuldades que os outros alunos em relação aos processos de avaliação.

- É muito importante que você tenha conhecimento prévio das necessidades do aluno cego em relação às avaliações.
- Verifique como ele costuma realizar avaliações: em braile, gravadas, oral ou com a ajuda de outra pessoa que lê as questões da prova e escreve as respostas ditadas pelo aluno cego.
- Prova oral: para muitos alunos cegos esta é a pior opção e a menos recomendada, porque além da dificuldade natural da avaliação, existe o constrangimento diante do professor.
- Prova em braile: o aluno poderá realizar a prova em braile e, em seguida, ler as respostas para que você possa corrigi-la e atribuir uma nota.
- Prova digitada: você pode permitir que o aluno cego realize sua avaliação nos computadores. O resultado é instantâneo e a avaliação será impressa e/ou encaminhada via *e-mail* para você.
- Prova gravada: você ou outra pessoa lê as questões e grava as respostas ditadas pelo aluno cego.
- Prova com auxílio de leitor/escritor: alguém deve ler a prova para o aluno cego e transcrever, no caderno de provas, as respostas ditadas por ele.
- Neste caso, é aconselhável que a prova seja realizada no mesmo dia e horário agendado para a turma. Converse com o Coordenador do Curso ou com a Assessoria Pedagógica para saber quem poderá ajudá-lo e em que local a prova será realizada.



1.5 VIAGENS E VISITAS TÉCNICAS

- Ao agendar viagens e visitas técnicas lembre-se de verificar as necessidades do aluno cego.
- Verifique quem será o guia que irá acompanhá-lo.
- O guia deverá ser avisado com antecedência.
- Não se esqueça de que toda a visita deverá ser descrita para o aluno.
- Lembre-se de incluí-lo em todas as atividades.
- Pergunte ao aluno se ele precisa de ajuda e não se sinta constrangido se ele disser que não.

Alunos com Deficiência Física





2.1 EM SALA DE AULA

- Sugira ao aluno para sentar-se na carteira da frente, mas não fique chateado se ele recusar.
- Pergunte sempre ao aluno se ele precisa de ajuda e como você pode fazer para ajudá-lo.
- Autorize o aluno a gravar suas aulas.
- Incentive os alunos da turma a colaborar com o colega.
- Se o aluno usar cadeira de rodas e você conversar com ele por muito tempo, sente-se, procure ficar no mesmo nível do olhar que ele.
- Só toque a cadeira de rodas se for solicitado. Se o fizer, peça licença.
- Não se apoie na cadeira de rodas. É considerado desrespeito.
- Lembre-se: cadeira de rodas, bengalas e muletas são partes do espaço corporal do aluno.
- As muletas e bengalas devem permanecer sempre próximas ao aluno.
- Se o aluno tiver Paralisia Cerebral e você não entender o que ele disse, peça para repetir, sem constrangimento.
- Alunos com Paralisia Cerebral, geralmente, são mais vagarosos para falar, escrever, ler, etc.
- Tenha paciência ao ouvi-lo, pois a grande maioria tem dificuldade na fala. A dificuldade é apenas de ritmo.

- Ajude o aluno, pergunte o que deve ser feito e como deve ser feito.
- Tenha um comportamento o mais natural possível, não proteja o aluno.



2.2 COMO SE RELACIONAR COM AS PESSOAS AUXILIARES

- Alguns alunos necessitam de pessoas auxiliares que permanecem em sala de aula para ajudá-los a desenvolver as atividades, levá-los ao banheiro, etc.
- A função é auxiliar o aluno na realização das atividades e na comunicação entre o aluno, você e os outros alunos da turma.
- O auxiliar não é o professor. Ele apenas ajuda o aluno.
- O auxiliar não é o responsável pela aprendizagem do aluno, apenas auxilia na compreensão daquilo que você está tratando.
- Facilite o trabalho do auxiliar. Disponibilize no Portal, encaminhe via *e-mail*, ou entregue antecipadamente o material que você vai usar em sala de aula (apostilas, textos, *slides*, etc.).
- Não olhe para o auxiliar enquanto estiver falando com o aluno, porque ele não é o aluno.
- Dependendo do caso, é responsabilidade do auxiliar fazer anotações para o aluno durante as aulas.



2.3 APRESENTAÇÕES DE TRABALHOS

- Nas apresentações de trabalhos ou seminários, cuide para que o aluno participe efetivamente.
- O aluno deve posicionar-se na sala, da melhor forma, para reduzir, ao mínimo, o cansaço e prevenir o desenvolvimento das alterações posturais.
- Quando o aluno não puder se expressar verbalmente ou tiver muita dificuldade, oriente para que outro colega do grupo apresente as colocações feitas pelo aluno nas discussões do grupo.



2.4 AULAS PRÁTICAS

- Procure oferecer atendimento adaptado e específico para que o aluno não seja prejudicado no processo de aprendizagem.
- Converse com ele sobre qual a melhor forma para ele aprender.
- Avalie de acordo com as competências e habilidades possíveis de serem desenvolvidas pelo aluno.
- Em algumas situações, a avaliação será apenas oral, tendo em vista que o aluno não conseguirá executar a atividade. Por exemplo: sabe explicar o processo de como Fotografar, mas não consegue fazer a fotografia porque não consegue segurar a máquina fotográfica. Mas sabe orientar, coordenar, etc.

2.5 VIAGENS E VISITAS TÉCNICAS

- Ao agendar viagens e visitas técnicas lembre-se de verificar as condições de acessibilidade nas empresas de transporte, nos locais de hospedagem e nas empresas que serão visitadas.
- O auxiliar deverá ser avisado com antecedência para que possa acompanhar o aluno.

2.6 REALIZAÇÃO DE PROVAS

- Alunos que não conseguem escrever necessitam de um auxiliar para realizar as avaliações.
- Prova realizada com a ajuda do auxiliar: o auxiliar tem a responsabilidade de ler as questões da prova e escrever as respostas ditadas pelo aluno.
- Nesse caso, verifique se a prova pode ser realizada na sala de aula, junto com os outros alunos ou se você deve providenciar outro local. Sempre comunique ao Coordenador do Curso como será realizada a avaliação.
- Prova oral: você realiza a avaliação em data e horário previamente agendados com o aluno.
- Prova gravada: você ou um auxiliar realiza as avaliações e arquiva as gravações.
- Prova digitada: se o aluno consegue digitar, pode realizar a prova nos computadores ou notebook, imprimir ou encaminhar via *e-mail* para você.

- Prova prática: se o aluno precisa de um auxiliar para executar as atividades, ele deverá ser avaliado quanto às competências necessárias para orientar a execução da atividade. Exemplo: fazer uma fotografia. Ele orienta quanto à montagem do cenário, o objetivo da imagem, a sequência das ações, etc. Você ou o auxiliar poderão fazer a foto.



Alunos com Deficiência Intelectual





3.1 EM SALA DE AULA

- Apresente-se pessoalmente ao aluno.
- Pergunte se o aluno precisa de ajuda e aguarde a resposta.
- Ajude apenas quando for solicitado.
- Regra geral: o aluno com deficiência intelectual precisa de mais tempo para aprender e realizar as atividades, por isso, combine os prazos com ele.
- Oriente de forma clara e objetiva sobre as atividades e estudos.



3.2 APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS

- Cuide para que o aluno participe efetivamente dos trabalhos realizados em grupo e da apresentação.
- Incentive os alunos da turma a colaborarem para que o aluno tenha oportunidades de participar da apresentação dos trabalhos.
- Se o aluno tiver dificuldades de fala, é preciso a compreensão de todos.



3.3 PROVAS

- Se o aluno precisa de mais tempo para realizar as atividades, combine com ele como será avaliado caso não consiga concluir a prova no prazo estipulado.
- Lembre-se: o aluno com deficiência intelectual só precisa de mais tempo para realizar as atividades.

- A prova poderá ser realizada em dia e horário previamente agendados. Neste caso, converse com o Coordenador do Curso ou com a Assessoria Pedagógica.

Alunos Surdos





4.1 EM SALA DE AULA

- Apresente-se ao aluno surdo, de forma individual.
- Para falar a um aluno surdo chame a atenção dele, sinalizando com a mão ou tocando no seu braço.
- Fale claramente e de frente, articulando palavra por palavra.
- Fale com velocidade normal.
- Não adianta falar em voz alta.
- Estabeleça contato pelo olhar.
- Cuide para que o aluno enxergue sua boca quando você estiver falando.
- Importante: Mantenha contato visual quando estiver falando. Se você olhar para outro lado, o aluno pode pensar que a conversa terminou.
- Seja expressivo. Como os surdos não podem ouvir as mudanças do tom de sua voz, a maioria deles interpreta as expressões faciais, os gestos e os movimentos do corpo de quem está falando com ele.
- Se você tiver dificuldade para entender o que o aluno surdo está comunicando, sinta-se à vontade para pedir que ele repita.
- Não se sinta constrangido se tiver que pedir mais de uma vez. O intérprete pode ajudar.
- Se você ainda não entender, peça-lhe para escrever. O que interessa é comunicar-se. O método não é o que importa.

- Se o aluno surdo estiver acompanhado por um intérprete, fale diretamente a ele, não ao intérprete.
- Use como recurso pedagógico, sempre que possível, apoio visual (texto, imagem, desenho...).
- O aluno surdo deve sentar-se nas primeiras carteiras para facilitar o contato visual com o professor e o intérprete.



4.2 CUIDADOS

- A leitura dos lábios será impossível se você segurar alguma coisa na frente dos seus lábios ou ficar contra a luz.
- O aluno surdo que usa aparelho auditivo não é como um ouvinte. O aparelho não faz milagres.
- O aluno surdo acha-se facilmente isolado e com frequência tem a sensação de estar marginalizado entre os ouvintes.
- Faça-o tomar parte da aula, informando-o sobre o que se passa ou se diz ao seu redor.
- Lembre-se que os avisos visuais são úteis e necessários aos surdos.



4.3 FILMES, VÍDEOS

- Priorize filmes e vídeos legendados.
- Se não for possível, disponibilize ao aluno (e ao intérprete) uma síntese do

enredo antes de iniciar a projeção. Este procedimento facilitará a compreensão do aluno surdo.

- Se puder, disponibilize o filme ou vídeo para o aluno.



4.4 COMO SE RELACIONAR COM O INTÉRPRETE

- A função do intérprete é facilitar a comunicação entre o aluno surdo, você e os outros alunos da turma, interpretando as mensagens recebidas em Língua Portuguesa oral e/ou escrita e convertendo-a em Libras e vice-versa.
- O intérprete não é o professor. Ele apenas interpreta o que você diz.
- Com a ajuda do intérprete, o aluno surdo aprende de modo mais fácil o conteúdo de cada disciplina e sente-se mais seguro, tendo mais chances de compreender e ser compreendido.
- O intérprete não é o responsável pela aprendizagem do aluno surdo, apenas auxilia na compreensão daquilo que você está tratando.
- Facilite o trabalho do intérprete. Disponibilize no Portal, encaminhe via *e-mail*, ou entregue antecipadamente o material que você vai usar em sala de aula (apostilas, textos, *slides*, etc.).
- Não olhe para o intérprete enquanto estiver falando com o aluno, porque ele não é o aluno.
- Não é responsabilidade do intérprete fazer anotações para o aluno durante as aulas.



4.5 DICAS PARA A PREPARAÇÃO DAS AULAS

- Indique os textos de apoio com antecedência. Isto facilita o processo de ensino e de aprendizagem.
- Faça uma lista com o vocabulário técnico do Componente Curricular para que o aluno possa estudar antecipadamente. Lembre-se que a Língua Portuguesa é a segunda língua.
- Use o máximo possível de apoio visual.
- Sempre que trabalhar com audiovisual (filmes, *slides*, documentários), priorize os com legendas.
- Indique ou disponibilize para o aluno, com antecedência, uma síntese do filme/vídeo para que ele possa situar-se ao assisti-lo.
- Frequentemente falta vocabulário ao surdo.
- Construa frases simples, corretas e curtas, sem uso de gírias.
- Se o aluno não compreender o que você disse ou solicitou, repita, procurando outra palavra com o mesmo sentido, ou dê outra forma à frase.
- Verifique se a mensagem foi compreendida, peça ao aluno se ele compreendeu.
- Solicite ao aluno que tenha o material durante as aulas, da mesma forma que exige dos outros alunos.



4.6 APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS E TRABALHO EM GRUPO

- Cuide para que o aluno participe efetivamente dos trabalhos realizados em grupo.
- Procure incentivar a colaboração dos outros alunos.
- É comum que no início do processo o aluno se sinta isolado.
- Motive todos os alunos para a convivência colaborativa e respeitosa, de forma normal, sem superproteção.
- Na apresentação de seminários, debates e discussões, pense no aluno surdo e também no intérprete, que precisa de um lugar adequado para acompanhar e/ou traduzir a apresentação do aluno.
- Converse antecipadamente com os alunos do grupo para certificar-se que o aluno surdo terá garantida a sua participação na apresentação dos trabalhos.
- Não se esqueça de avaliar também a apresentação do aluno.



4.7 O ALUNO SURDO E A LÍNGUA PORTUGUESA ESCRITA

- A Língua Portuguesa é a segunda língua do aluno surdo, a língua natural é Libras.
- Os alunos surdos frequentemente têm dificuldades com o vocabulário técnico.
- Apresente uma lista com o vocabulário técnico para que o aluno possa pesquisar e estudar.

- Incentive a organização de um dicionário específico do Componente Curricular.
- Disponibilize os textos antecipadamente tanto para o aluno surdo quanto para o intérprete.
- Exija leitura e produção de textos do aluno surdo, da mesma forma que você exige dos outros alunos, mas, na avaliação, considere as especificidades e valorize a semântica.



4.8 PARA COMPREENDER COMO O ALUNO SURDO ESCREVE

Quadro síntese das dificuldades na escrita pelos alunos surdos, de acordo com estudo de Fernandes¹ [2006?]:

SÍNTESE DAS DIFICULDADES NA ESCRITA PELOS ALUNOS SURDOS		
Aspectos da língua portuguesa e conhecimentos envolvidos	Características da escrita dos surdos	Exemplos
Ortografia Emprego de letras adequadas em contextos fonéticos em que há mais de uma possibilidade de grafia, como g ou j, s ou z, am, an ou ã.	Boa incorporação das regras ortográficas, pela excelente capacidade para memorização visual das palavras. Por memorizar as palavras na globalidade, podem ocorrer trocas nas posições das letras.	froi (frio) Barisl (Brasil) frime (firme) perto (preto) esprimenta (experimental)
Acentuação Identificar a sílaba tônica	Dificuldade em proceder à acentuação por exigirem a consciência sonora das palavras.	Medico (médico) Onibus (ônibus)

¹ Doutora em Estudos Linguísticos (UFPR), Mestre em Linguística (UFPR), professora do Ensino Superior.

SÍNTESE DAS DIFICULDADES NA ESCRITA PELOS ALUNOS SURDOS		
Aspectos da língua portuguesa e conhecimentos envolvidos	Características da escrita dos surdos	Exemplos
Pontuação	Por estar diretamente vinculados à oralidade (entonação, ritmo, fluxo da fala, etc.), há dificuldade na incorporação das regras.	Eu estou fazendo natação faz tempo até agora eu fumo não nado muito bem por causa falta no (de) ar.
Artigos Conhecimento de gênero das palavras (masculino/feminino)	São omitidos Ø ou utilizados inadequadamente	<p>*A avião viajar o França Brasil. (O time do Brasil viajou de avião para França). *Eu vi o televisão.</p> <p>*O aglomeração da distribuição do fluxo financeiro que vem do sul [...]</p> <p>*Antigamente Ø Brasil sempre fazia plantações só para portugueses e brasileiros e mais tarde eles começaram a vender para Ø mundo inteiro.</p>

SÍNTESE DAS DIFICULDADES NA ESCRITA PELOS ALUNOS SURDOS		
Aspectos da língua portuguesa e conhecimentos envolvidos	Características da escrita dos surdos	Exemplos
Elementos de ligação (preposições, conjunções, pronomes relativos, entre outros)	O uso inadequado e a ausência de conectivos como as conjunções e preposições são um aspecto comum nas produções dos surdos, uma vez que são inexistentes em Libras	<p><i>Eu gosta não Ø (de) homossexual, só gosta tem Ø (de) mulher [...] fala tenho eu camisinha vai transar.</i></p> <p><i>Depois</i></p> <p><i>Ø(do) esperma camisinha joga de (no) lixo.</i></p> <p><i>Eu precisa Ø (de) camisinha mulher precisa Ø (de) camisinha Ø(na) mochila.</i></p> <p><i>A Gabriela chorar Ø (porque) fugir cachorro.</i></p> <p><i>Eu não fumo, nunca experimenta porque faz mal Ø (aos) pulmões ficar preto como carvão.</i></p> <p><i>Eu quase sempre jantar fora eu peço Ø (para) o garçon preferir de mesa sem fumo.</i></p> <p>A cidade de São Paulo que (onde) é proibido fumar no bares e restaurantes é lugar só fechado.</p>

SÍNTESE DAS DIFICULDADES NA ESCRITA PELOS ALUNOS SURDOS		
Aspectos da língua portuguesa e conhecimentos envolvidos	Características da escrita dos surdos	Exemplos
<p>Concordância nominal</p> <p>Conhecimento de gênero e número.</p>	<p>Em Libras a concordância nominal se faz com base em componentes espaciais e não com mudanças na morfologia da palavra. Assim, é comum que os surdos apresentem dificuldades nesse aspecto.</p>	<p>Eu boa HIV limpo exame de sangue, exame de fezes, exame de urina.</p> <p>Eu viu o televisão</p> <p>Eu vi televisão muito pessoa tem AIDS.</p> <p>A minha mamãe faz uma bolo chocolate bom.</p> <p>[...] a companhia de cigarros que mostram o aviso simples e o outro propaganda que mostram que vende o cigarro.</p> <p>Eu sempre sair minha namorada, na cinema</p> <p>Por isso qualquer pessoa que tem nesta doença pode trabalhar em qualquer lugar mas as pessoas doentes ficam a cada vez mais fracos e perdendo muitos pesos por isso ficam sem emprego ou então os pessoas fica com medo de pegar nesta coisa e os mandam ir embora.</p>

SÍNTESE DAS DIFICULDADES NA ESCRITA PELOS ALUNOS SURDOS		
Aspectos da língua portuguesa e conhecimentos envolvidos	Características da escrita dos surdos	Exemplos
Concordância verbal	<p>Uma vez que na Libras a flexão de tempo, modo e pessoa ocorrem por mecanismos discursivos contextuais e espaciais, a flexão verbal é um conteúdo de grande dificuldade para os surdos.</p> <p>Há uma tendência de que os verbos sejam escritos na forma infinitiva, ou com flexões inadequadas.</p>	<p>Nós pego muito AIDS, precisar exame de sangue. O Brasil ganhar um bola.</p> <p>O ano do Penta eu ganhar camiseta do Brasil. Você precisar ter camisinha.</p> <p>Eu comi um coca-cola de pissa (pizza). Eu viu muito rio.</p> <p>Eu ver televisão um homem ensina Aids ajuda nosso pessoa aprender precisa camisinha muito cuidado Aids.</p> <p>Deus ver dó problema muitos são povos Aids.</p> <p>Eu gosta não Homossexual, só gosta tem mulher fala teinho eu camisinha vai transar depois esperma camisinha joga de lixo.</p> <p>Eu viu o televisão.</p> <p>Eu sempre sair minha namorada [...] também viajar junto. [...] eu quase sempre jantar fora eu peço o garçon preferir de mesa sem fumo.</p>

SÍNTESE DAS DIFICULDADES NA ESCRITA PELOS ALUNOS SURDOS		
Aspectos da língua portuguesa e conhecimentos envolvidos	Características da escrita dos surdos	Exemplos
		[...] no sul tem muita coisa pagar por isso eles esprestou (emprestou), agora não tem pagar para norte só juro [...] porque eles esprestou precisar para ajuda no povos.
Verbos de ligação	Omissão freqüente dos verbos SER, ESTAR, FICAR, por inexistirem em Libras. O resultado serão construções atípicas, geralmente interpretadas como enunciados telegráficos.	Eu casado pé no calor (Eu fiquei cansada de andar a pé neste calor.) Você bonito bom Alessandra. (Você é boa e bonita Alessandra). O papai doente AIDS. (O papai está doente de AIDS).

SÍNTESE DAS DIFICULDADES NA ESCRITA PELOS ALUNOS SURDOS		
Aspectos da língua portuguesa e conhecimentos envolvidos	Características da escrita dos surdos	Exemplos
<p>Organização sintática</p> <p>Conhecimento da ordem convencional do português S-V-O.</p>	<p>Os enunciados são geralmente curtos, com poucas orações subordinadas ou coordenadas.</p> <p>Pela interferência da Libras, podem ocorrer inversões como OSV e OVS.</p>	<p>O S V</p> <p>Curitiba boa passear # vi.</p> <p>(Eu vi que é bom passear em Curitiba.)</p> <p>O menino # vi televisão camiseta do Brasil</p> <p>(Eu vi um menino com a camiseta do Brasil na TV).</p> <p>9- Ronaldinho torcer o Brasil.</p> <p>(Eu torci para o Ronaldinho, camisa 9 do Brasil).</p> <p>O V S</p> <p>O futebol joga Barisl (O Brasil joga futebol).</p>

SÍNTESE DAS DIFICULDADES NA ESCRITA PELOS ALUNOS SURDOS		
Aspectos da língua portuguesa e conhecimentos envolvidos	Características da escrita dos surdos	Exemplos
		<p>Rua XV de Novembro, andar # (Eu ando na Rua XV).</p> <p>bonito é Jardim Botânico.</p> <p>S V O</p> <p>Eu ganhei sinhazinha na festa junina ano 1983. Eu viu muito rio.</p> <p>O André viu Jardim Botânico.</p>
<p>Negação</p> <p>Em português a negação se faz com a utilização do advérbio NÃO, junto ao verbo.</p>	<p>Em decorrência de que na Libras a negação pode ocorrer após o verbo, esta particularidade pode se ver refletida em alguns textos.</p>	<p>Eu quero não gosto sexo</p> <p>Conhece não AIDS. (Não conheço). Nós amigos tem não AIDS.</p> <p>Flávio tem não AIDS.</p> <p>Ruim não Quatro Barras anos 1992.</p>

Fonte: Fernandes ([2006?]).



4.9 COMO AJUDAR

- Quanto mais o aluno surdo ler e escrever, mais facilidade terá com a Língua Portuguesa. Contribua. Converse com ele sobre as leituras que você sugeriu.
- O intérprete deverá acompanhar o aluno nas viagens e visitas técnicas para



4.10 VIAGENS E VISITAS TÉCNICAS

que ele possa, de fato, ampliar os conhecimentos.

- Ao agendar viagens e visitas técnicas lembre-se de verificar as necessidades do aluno surdo.
- O intérprete deverá se preparar para acompanhar o aluno.
- A prova deverá ser realizada na mesma data e horário agendados para toda a turma.
- O intérprete deverá fazer a leitura e interpretação das questões da prova com o aluno.



4.11 REALIZAÇÃO DE PROVAS

- Após a interpretação das questões, deverá deixar que o aluno resolva a avaliação individualmente.
- As questões das provas devem ser redigidas de forma bem objetiva em razão das dificuldades em relação ao vocabulário dos alunos surdos.
- Se na realização da prova o aluno tiver alguma dificuldade de compreensão do vocabulário ou comando da questão, deverá solicitar ajuda.
- Na correção das provas e trabalhos, valorize o conteúdo semântico em razão das dificuldades que o aluno tem com a escrita da Língua Portuguesa.

- Converse frequentemente com o aluno para que ele possa se manifestar quanto às suas eventuais dificuldades de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

CARTILHA IBDD dos direitos da pessoa com deficiência [pesquisa e texto IBDD]. 2. ed. rev. e atual. - Rio de Janeiro: IBDD, 2009. Disponível em: <www.ibdd.org.br>. Acesso em: 20 ago. 2013.

CORDE. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília, DF: CORDE, 1994.

FERNANDES, Sueli. **Avaliação em Língua Portuguesa para alunos surdos: algumas considerações**. [2006?]. Disponível em: <www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1076-4.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2013

BERNARDES, Beatriz Costa. **GUIA LEGAL**. Diretora de Extensão. São Paulo, 2005. CONSCEG Conselho de Alunos Cegos da Universidade São Marcos. Disponível em: <<http://www.livroacessivel.org/guia-legal-capitulo-2.php>>. Acesso em: 23 jun. 2013.

HEBERLE, Mara Regina. **Língua brasileira de sinais – Libras**. Joaçaba: Unoesc Virtual, 2012.

SANTA CATARINA (Estado). Secretaria de Estado da Educação. Fundação Catarinense de Educação Especial. Programa Pedagógico. São José, SC: FCEE, 2009. 20 p.

SANTOS, Monica. Educação inclusiva e a declaração de Salamanca: consequências ao sistema brasileiro. **Revista Integração**, n. 22, ano 10, p. 35-40, 2000.

SKLIAR, Carlos. **Educação e exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial**. Porto Alegre: Mediação, 1997.

WERNECK, Claudia. **Ninguém vai ser bonzinho na sociedade inclusiva**. Rio de Janeiro: WVA, 2000.